

Museu Goeldi 130 anos de pesquisas antropológicas na Amazônia



**Adélia Rodrigues*
Lourdes Furtado***

Desde a criação da Associação Filomática, em 1866, a qual deu origem ao Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém, que seus diretores e pesquisadores interessaram-se por estudos antropológicos, arqueológicos e linguísticos na Amazônia brasileira.

Aspectos importantes das populações regionais e dos grupos indígenas começaram a ser anotados pelo naturalista Domingos Soares Ferreira Penna, primeiro diretor da Associação, e auxiliares. Na administração de Emílio Goeldi, em 1894, o Museu Paraense aumentou gradativamente o seu acervo, com expedições, aquisições e doações. É o caso das peças encontradas por Aureliano Lima Guedes e das coleções de Koch-Grünberg e Frei Gil de Vila Nova. Posteriormente, a zoóloga Emília Snethlage, também diretora do Museu na década de 1910, realizou trabalhos entre grupos indígenas na área do Xingu-Iriri.

Paradoxalmente, quando, entre 1915 e 1921, por falta de recursos financeiros, o Museu Goeldi principiava a entrar em decadência, foi que a etnologia, na Amazônia brasileira, começou a traçar seu caminho e a se projetar com os trabalhos prolongados de Curt Nimuendaju. Ele realizou suas pesquisas nessa época em colaboração com o Museu. De 1940 a 1945, ano de seu falecimento, voltou a atuar nessa instituição. Além de trabalhos com vários grupos indígenas, Nimuendaju elaborou o primeiro mapa mostrando a localização e a migração dos grupos indígenas do Brasil, ministrou cursos de etnologia e reorganizou as coleções etnográficas e

arqueológicas.

Muitos estrangeiros, não vinculados ao Museu, contribuíram para os estudos antropológicos nesse período. Clifford Evans e Betty Meggers trabalharam em conjunto com arqueólogos da instituição. Também o Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, criado em 1947, possuía vínculos com o Museu.



Eduardo Galvão

Mas foi com Eduardo Galvão, nas décadas de 40 e 50, que as populações regionais expressas nos mais diversos segmentos sociais (indígenas, pescadores, agricultores, posseiros, trabalhadores volantes, etc) passaram a ser objeto constante de estudos.

Assim, em 1955, quando o Museu Goeldi já se achava sob a administração do CNPq, com maiores possibilidades de recursos financeiros para atuar na região, Galvão veio para essa instituição e, sob sua orientação, as pesquisas antropológicas passaram a ter um desenvolvimento contínuo e regular.

Esse renascer da pesquisa antropológica no Museu foi lento, uma vez que Galvão encontrava dificuldades para atrair, de outros centros, antropólogos capacitados. Lenta e persistentemente, porém, ele conseguiu trazer para Belém pesquisadores como Carlos Moreira Neto, Protásio Frickel, Mário Simões, Roberto Las Casas e Klaas Woortman, ao mesmo tempo em que começou a preparar bolsistas, muitos dos quais estão atualmente no quadro de pesquisadores do Museu.

O grupo iniciado por Galvão consolidou-se nas décadas de 60 e 70 com jovens recém-formados pela Universidade Federal do Pará e vindos de outras regiões. Apareceram trabalhos que



Curt Nimuendaju

versaram especificamente sobre a cultura material dos indígenas, como a plumária, cerâmica, pintura corporal e cestaria. A etno-botânica, etno-entomologia e ecologia cultural passaram a ser objeto de pesquisa. A partir de 1970, com o início dos grandes projetos desenvolvimentistas na região, pesquisadores começaram trabalhos sobre os impactos causados nas populações regionais pelas frentes de expansão. A arqueologia pré-histórica também teve grande impulso no período.

Nos anos 80, o convênio com o ORSTOM, que propiciou a vinda de vários pesquisadores da França, colaborou na formação de pessoal e na consolidação científica do Departamento de Ciências Humanas-DCH. Mais tarde, dois novos grupos de pesquisa consolidaram-se: o de comunidades haliêuticas, que tem o apoio do CRDI, do Canadá, e o de linguística indígena, o qual desponta como um dos melhores do país.

Atualmente, o DCH conta com 25 pesquisadores e 17 técnicos. Além das coleções arqueológicas (cerca de 81.000 peças e fragmentos de cerâmica, artefatos líticos e outros), etnográficas (cerca de 14.000 peças) e linguísticas (cerca de 50 línguas registradas em gravações), o Departamento volta-se para a formação de recursos humanos, por meio de cursos de pós-graduação e programa de bolsas de iniciação científica, e para estudos de arqueologia histórica e pré-histórica, relações inter-étnicas e mudanças culturais, políticas públicas, expansão de fronteira, linguística indígena, usos e representações tradicionais do espaço/tempo, medicinas e tecnologias tradicionais.

* Antropólogas, Departamento de Ciências Humanas, MPEG/CNPq
Colaboração de Nelson Sanjad.

AMAZÔNIA



Gigantes da Amazônia

Pesquisadores avançam no estudo de animais que viveram há milhões de anos e descobrem fósseis que podem explicar a origem e variedade da fauna regional. **P. 6 a 8.**

.....
LEIA MAIS:

Sensoreamento Remoto ajuda a prever mudanças ambientais. **P.5**

Exclusivo: entrevista com Noam Chomsky. **P. 9**



Eremotherium laurillardii
(preguiça gigante),
6 metros de altura

O P I N I Ã



Esta edição do *Destaque Amazônia* mostra o pouco conhecido trabalho de geólogos, geógrafos e paleontólogos. Eles não estudam animais nem madeiras ou frutos da Amazônia. Humanos, nem pensar. O interesse desses pesquisadores está sob o solo da região, o que não tem vida. São as riquezas minerais, as mudanças ambientais, os antigos habitantes do planeta e os sedimentos que guardam preciosas informações sobre o passado, que despertam nessas pessoas a vontade de dedicar a vida à Ciência.

Você poderá conhecer agora o que a Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais-CPRM está fazendo para ajudar municípios paraenses a gerar recursos com a exploração de minérios.

E também a tentativa de pesquisadores do Museu Goeldi em reconstituir os antigos ambientes amazônicos, isto é, a paisagem da região de milhares de anos atrás. Esses estudos são feitos com a interpretação de marcas impressas em rochas. Por outro lado, há gente preocupada com as transformações ambientais em curso: o que as provoca, para onde nos levarão. Imagens de satélite são utilizadas para acompanhar essas mudanças.

Descobrir como viviam os dinossauros amazônicos é o trabalho do paleontólogo que entrevistamos. A exuberante fauna regional do passado - falamos de milhões e milhões de anos atrás, quando o continente americano nem tinha se formado - era composta por

preguiças de 6 metros de altura e jacarés de 15 metros de comprimento, equivalente a um edifício de cinco andares! Estudos estão sendo feitos principalmente no Acre e nordeste do Pará e devem prosseguir contribuindo para o esclarecimento da origem da atual fauna amazônica.

Ainda nesta edição, uma entrevista exclusiva de Noam Chomsky, lingüista norte-americano que visitou o país em 1996, conhecido mundialmente por suas polêmicas palavras sobre os Estados Unidos.

Uma boa notícia é dada na matéria sobre saúde indígena. Várias instituições uniram-se e formaram um grupo que pretende não apenas estudar essa população regional e os segredos da fabricação de remédios naturais, mas também interferir diretamente em ações que amenizem o estado de indigência de muitas tribos.

Em comemoração aos 130 anos do Museu Goeldi, transcorridos em outubro de 1996, o leitor encontrará, a partir desta edição, uma página com publicações do Museu. E as tiras de quadrinhos da série *Os Cientistas*, desenhada pelo grupo paulista Jão e Cols. É a única no gênero do Brasil. Iniciamos, também, uma série de artigos sobre a história da mais antiga instituição científica da Amazônia. Boa leitura!

PS: Esta edição do *Destaque Amazônia* sai com data de setembro de 1996, mas foi publicada em janeiro de 1997.

Os segredos do sub-solo

* O Museu Goeldi promoveu, em conjunto com a Overseas Development Administration-ODA, agência de financiamento inglesa, o Seminário Editoração Científica, de 3 a 5 de dezembro de 1996. Na ocasião foram discutidos com o consultor, Dr. Konrad Koerner, Editor Científico da John Benjamins Publishing Company, aspectos relacionados com a criação e manutenção de publicações científicas. Maiores informações pelo telefone (091) 249-1233, ramal 238.

* Também em dezembro de 1996, de 9 a 11, o Programa Recursos Naturais e Antropologia das Populações Marítimas, Ribeirinhas e Lacustres da Amazônia-RENAS realizou sua V Reunião Anual de Acompanhamento e Avaliação, na qual participaram os pesquisadores, consultores, técnicos, bolsistas e estagiários envolvidos no programa. O

RENAS tem apoio do International Development Research Centre-IDRC, do Canadá. Maiores informações pelo telefone (091) 246-4857, com Graça Santana ou Lourdes Furtado.

* O ano de 1996 trouxe de volta para o Museu Goeldi vários pesquisadores que estavam cursando o Doutorado: os mais recentes são Marlúcia Martins, ecóloga, e Maria Luiza Marceliano, ambas do Departamento de Zoologia, vindas da

USP; Edithe Pereira, arqueóloga do Departamento de Ciências Humanas, vinda da Universidade de Valencia, na Espanha; Ima Vieira, do Departamento de Botânica, que chegou da Universidade de Stirling, na Escócia; e Nazaré Bastos, também botânica, com o curso feito na UFPa em convênio com o Museu Goeldi.

e x p e d i e n t e



Presidente da República
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Ministro da Ciência e Tecnologia
JOSÉ ISRAEL VARGAS

Presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
JOSÉ GALÍSIA TUNDISI



Diretora
ADÉLIA E. DE O. RODRIGUES

Diretor Adjunto de Pesquisa
ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES

Diretora Adjunta de Difusão Científica
HELENA ANDRADE DA SILVEIRA

DESTAQUE AMAZÔNIA
Serviço de Comunicação Social do Museu Paraense Emílio Goeldi
Av. Magalhães Barata, 376
Cx. Postal 399 - Belém - Pará - Brasil
Fone: (091) 249-0163 Fax: (091) 249-6373
e-mail: scs@museu-goeldi.br

EDIÇÃO
Nelson Sanjad
Reg. Prof. 1057 DRT/PA

REPORTAGEM
Suely Leitão, Iran Santos, Márcia Serrano,
Nelson Sanjad e Lilian Bayma de Amorim

COLABORAÇÃO
Adélia Rodrigues e Lourdes Furtado

FOTOS
Januari Simões

PROJETO GRÁFICO
Sérgio Bastos

FOTOLITOS
Omni Graphics

IMPRESSÃO
Imprensa Oficial do Estado do Pará

Apoio: Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais
Sub-Programa de C&T - PP/G7
MMA/MCT/Finop

130 anos de pesquisa na Amazônia

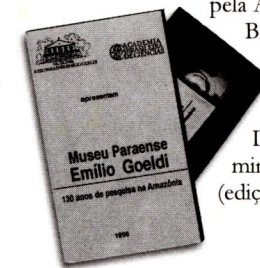
Museu Goeldi/CNPq lança livros, vídeo e folheto institucional

Folheto institucional com informações sobre todos os departamentos de pesquisa e difusão científica do Museu Goeldi.



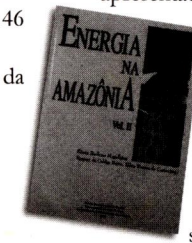
Formado por sobre capa e 13 folhetos avulsos coloridos. Acompanha glossário dos termos científicos mais utilizados na instituição. Publicado com o apoio da Overseas Development Administration. R\$ 5,00

Vídeo institucional sobre os 130 anos de pesquisa do Museu Goeldi, co-produzido pela Academia Brasileira de Ciências.

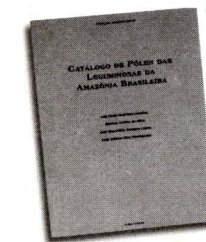


Cópias em VHS. Duração: 32 min. R\$ 20,00 (edição limitada).

Energia na Amazônia, de Sônia Magalhães et al. Obra em dois volumes coeditada pelo Museu Goeldi, Universidade Federal do Pará e Associação de Universidades Amazônicas. A coletânea condensa os trabalhos apresentados no Seminário Internacional "A



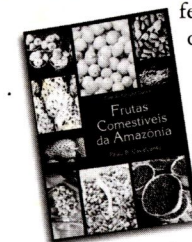
Questão Energética na Amazônia: avaliação e perspectivas sócio-ambientais", realizado em Belém (PA), de 12 a 15 de setembro de 1994. Os artigos publicados



de pólen de 146 espécies de leguminosas da Amazônia. Com a publicação deste catálogo mais uma obra de referência sobre a flora amazônica chega à comunidade científica e aos interessados no universo da pesquisa vegetal. Ilustrado. 137 pp. R\$ 15,00

permitem integrar contribuições de especialistas de inúmeras formações no debate sobre os problemas sociais e ambientais provocados pela instalação de grandes usinas hidrelétricas na Amazônia. 966 pp. R\$ 50,00

Fruitas Comestíveis da Amazônia, de Paulo Cavalcante. 6ª edição de uma das obras de maior sucesso do Museu Goeldi. O livro traz 176 espécies frutíferas catalogadas, com descrição, ilustrações, áreas de ocorrência, peculiaridades e outras características. Paulo Cavalcante vem estudando, desde 1955, a flora amazônica, contribuindo especialmente à etnobotânica, anatomia vegetal e botânica econômica. 279 pp. R\$ 20,00

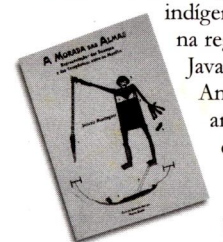


Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi - Série Ciências da Terra. Volume 7, 1995.



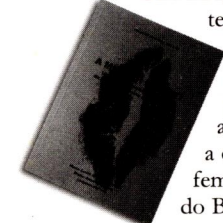
Número especial sobre a Província Mineral de Carajás, região que tem sido, desde os anos 70, objeto de diversas investigações geológicas desenvolvidas por empresas estatais e privadas, universidades e instituições de pesquisa. Organizado por Moacir Macambira e Jean-Michel Lafon. 387 pp. R\$ 18,00

Amorada das Almas - Representações das doenças e das terapêuticas entre os Marúbo, de Delvaír Montagner. Estudo sobre a cultura do grupo indígena que vive na região do rio Javari, estado do Amazonas. A antropóloga disserta sobre os significados simbólicos que o corpo humano



Marúbo encerra, as relações com a organização cosmológica, social e religiosa do grupo. 132 pp. R\$ 15,00

AMulher Existe? Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia, de Maria Luzia Álvares et al. Coedição do Museu Goeldi e do GEPEM/UFPa. Os



textos deste livro enfocam um quadro estimulante de abordagens sobre a condição feminina no norte do Brasil, incluindo o papel das mulheres no processo histórico da região. 234 pp. Informações: GEPEM - R. Henrique Gurjão, 249 - Reduto - Belém/PA - 66053-10

Para a aquisição de algum produto escrever para: MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI/CNPq/DEPARTAMENTO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO. Av. Perimetral, 766. CEP: 66095-480. Belém - Pará - Brasil. Telefone: (55-091) 228-1811

Os Cientistas

